

MANIFESTAÇÃO

Dia do Índio em Brasília será marcado por protestos. Continua indefinido futuro dos garotos que atearam fogo no Pataxó em 1997

Em memória de Galdino

Renato Alves

Da equipe do Correio

Galdino, por você ter ido para Brasília, para sua terra demarcar acabou fazendo muito xororô. Por causa de cinco filhos dos senhores, doutores. Por isso nós sentimos muitas dores.

Os versos simples são parte de uma poesia de autoria do cacique Ruthy, da tribo Pataxó de Carmésia (MG). É uma homenagem ao índio Galdino Jesus dos Santos. Em lugar de festa para comemorar o dia do seu povo, hoje, o cacique e mais de 400 índios de todo o país protestam em Brasília. Querem que os cinco garotos acusados de atear fogo em Galdino, há quatro anos, sejam punidos pelas leis dos brancos.

Aos 44 anos, Galdino veio a Brasília comemorar o Dia do Índio. Também levava, como conselheiro de sua tribo, reivindicações pela demarcação das terras indígenas na Bahia. Ele conhecia pouco a cidade. Acabou perdendo-se, depois de uma festa na Funai (Fundação Nacional do Índio). Encontrou fechada a pensão onde dormiria e resolveu abrigar-se no ponto de ônibus da 503/504 Sul. Até que cinco rapazes apareceram e lhe atearam fogo.

Depois de duas noites em coma, com 95% do corpo queimado, Galdino não resistiu e morreu em uma cama do Hospital Regional da Asa Norte.

Desde segunda-feira, 200 líderes indígenas de todo o país estão reunidos em uma chácara no município goiano de Luziânia, a

Jorge Cardoso



MINERVINA DE JESUS, MÃE DE GALDINO, VEIO A BRASÍLIA ESPECIALMENTE PARA PARTICIPAR DOS PROTESTOS

50 km de Brasília. Até ontem, discutiram o Estatuto dos Povos Indígenas. Hoje, vão à luta, com outros 200 índios que chegam pela manhã à capital. A partir das 8h, concentram-se na Praça Galdino, na 703 Sul. Vão homenagear líderes indígenas assassinados, como Galdino, e cobrar justiça.

Entre os manifestantes, estará a mãe de Galdino, Minervina de Jesus, 63 anos: "Só vim mesmo por causa do meu filho. Não consigo falar para o povo sobre ele. Minha cabeça dói, me sinto mal", desabafou.

Até hoje, os jovens acusados de atear fogo em Galdino não foram julgados. Max Rogério Alves, Antônio Novelty Vilanova, Tomas Oliveira de Almeida (os

três com 23 anos) e Eron Chaves Oliveira, 22, estão presos na Papuda. Irmão de Tomas, G.A.J., que na época do crime tinha 17 anos, foi beneficiado por ser menor de idade. Cumpriu pena no Cajé e está em liberdade.

O advogado e padraсто de Max, Walter Medeiros, recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para tentar impedir que ele e os outros três acusados sejam julgados em júri popular por homicídio triplamente qualificado, como decidido pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Os advogados dos outros três acusados contestam o recurso. Acham que conseguem minimizar as penas de seus clientes no tribunal. "Pela nossa vontade, o

processo já teria ido ao júri. Lá, vamos conseguir mudar a acusação para homicídio doloso, pois foi isso o que aconteceu, já que os meninos não tiveram a intenção de matar ninguém", diz Raul Livino, advogado de Eron e Tomas. Livino entrará com pedido no STF para que o processo seja enviado imediatamente para o Tribunal de Justiça. Se conseguirem, o julgamento pode acontecer entre junho e agosto.

Para a promotora do Tribunal de Júri, Maria José Miranda, que acompanha o caso, os advogados dos rapazes querem na verdade é adiar ainda mais o julgamento. "Eles querem que a sociedade e a imprensa esqueçam o episódio".